



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O SPANGLISH NA OBRA BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA, DE GLORIA ANZALDÚA

CAROLINA PEREZ SUAREZ DA SILVA

RIO DE JANEIRO

2021

CAROLINA PEREZ SUAREZ DA SILVA

O SPANGLISH NA OBRA *BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA*, DE
GLORIA ANZALDÚA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Espanhol.

Orientador: Professor Doutor Luciano Prado da Silva

RIO DE JANEIRO

2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

CAROLINA PEREZ SUAREZ DA SILVA

DRE: 116170610

O SPANGLISH NA OBRA *BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA*,
DE GLORIA ANZALDÚA

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Letras
na habilitação Português/Espanhol.

Data da avaliação: 27 /03/2021

Banca Examinadora:

NOTA: 10,0

Luciano Prado da Silva – Presidente da Banca Examinadora
Prof. Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 10,0

Marco Antônio da Silva Santos - Leitor Crítico
Prof. Dr. da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica/SECTI-RJ)

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:

Luciano Prado da Silva
Marco Antônio da Silva Santos

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que estiveram presentes na minha trajetória universitária, que me ampararam nos momentos de que precisei e que, de alguma forma, me ajudaram e me incentivaram a chegar até aqui. Estudar na UFRJ sempre foi meu grande sonho e realizá-lo é uma conquista muito especial e gratificante.

Agradeço a Deus por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos da minha vida. Sem ele, nada disso seria possível; aos meus pais, Ana Cristina Perez e Romulo Dias, meus maiores exemplos na vida, por sempre me apoiarem e me darem o suporte necessário; à minha família, por estar sempre presente e se preocupando comigo; ao meu namorado, Vitor Borges, por tornar essa trajetória mais leve e alegre; ao meu orientador, Luciano Prado, por compartilhar sua inteligência e sabedoria, e, principalmente, por acreditar em mim. O zelo, a preocupação e o cuidado dele tornaram essa escrita mais prazerosa.

Durante os meus estudos, tive a honra de conhecer grandes professores, que me inspiraram a seguir essa linda carreira. Tudo o que sei devo a eles. Sou muito grata por tudo que vivi nesses quatro anos e meio de estudos. Os projetos e trabalhos em grupos os quais participei, as amizades que construí, as apresentações realizadas na SIAC, as experiências adquiridas como monitora de espanhol do PIBID e do CLAC, e todo o restante que vivenciei na Faculdade de Letras foram marcantes e únicos. Apesar de muitas vezes estressante, essa trajetória universitária foi muito enriquecedora e, de uma forma geral, feliz.

Sinto-me realizada na minha profissão. Tudo o que conquistei até o momento só foi possível devido a essas pessoas na minha vida e a essas experiências vividas.

RESUMO

Esse trabalho monográfico tem como tema a importância do *spanglish* em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, uma das obras mais importantes da autora chicana Gloria Anzaldúa. A partir das suas experiências e história, Anzaldúa ressignificou a imagem e o valor do sujeito da fronteira. Por essa razão, entendeu-se ser relevante, na presente pesquisa, a abordagem da biografia da autora, pois sua história de vida está intimamente ligada à realização desse clássico da literatura chicana. Sua transparência, força e persistência motivaram outras autoras chicanas, que se identificaram com a sua vivência e opinião, sentindo-se impulsionadas a lutar pelo seu espaço e valorização de sua identidade através da escrita. Para a materialização da presente monografia, foi fundamental o seguinte aporte teórico: Maher (2007), Megale Siano (2017) e Zolin Vesz (2015, 2016), para tratar de translinguismo; e Fernández-Ulloa (2004), Nginios (2011) e Piña-Rosales (2008), na aproximação ao *spanglish*. Ao longo do trabalho, outros autores também são citados, contribuindo para o desenvolvimento dessa monografia. Ademais, foi trabalhada a visão geral de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* e explicada a importância do *spanglish* na escrita de Anzaldúa. Por último, foi feita uma análise de um dos seus poemas, presente na obra *Borderlands*, que dialoga diretamente com o tema aqui em destaque.

Palavras-chaves: Translinguismo; *spanglish*; literatura chicana; sujeito da fronteira; Gloria Anzaldúa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – O TRANSLINGUISMO E O <i>SPANGLISH</i>.....	8
TRANSLINGUISMO.	9
TRANSLINGUISMO LITERÁRIO.	11
<i>SPANGLISH</i>	13
CAPÍTULO 2 – A AUTORA GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA.....	17
CAPÍTULO 3 – O <i>SPANGLISH</i> NA OBRA <i>BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA</i>.....	23
A OBRA <i>BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA</i> (VISÃO GERAL) ...	24
O <i>SPANGLISH</i> NA OBRA <i>BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA</i> ...	27
ANÁLISE DO POEMA <i>TO LIVE IN THE BORDERLANDS</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
ANEXOS	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir do projeto de pesquisa “O Ensino de Literatura Translinguística Latino-americana (Espanhol-Inglês-Português) na e para a Formação e Atuação de Professores de Espanhol Língua Estrangeira”, coordenado pelo Professor Dr. Luciano Prado da Silva (FE/UFRJ). Apesar de o projeto de pesquisa refletir sobre as possíveis contribuições do ensino de práticas literárias translíngues no processo de formação de docentes de Língua Espanhola no Brasil, possui uma estreita relação com o presente texto, que tem como finalidade discutir o translinguismo literário, mais especificamente o *spanglish*, em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* [1987] (2012), uma das principais obras da autora chicana Gloria Evangelina Anzaldúa.

Tomando como ponto de partida o conceito de translinguismo, foi debatida a importância da escrita translíngue entre o inglês e o espanhol em *Borderlands* e analisado um dos poemas presentes na obra, *To live in the Borderlands*. Além disso, para a compreensão desses fenômenos, foi importante explicar sua origem e suas múltiplas práticas na linguagem e na construção de sentido. Portanto, neste trabalho monográfico é discutida a noção de fronteira e o *cruce* linguístico-cultural entre Estados Unidos e México, países de origem da escritora chicana.

Dividido em três capítulos, o presente trabalho aborda, primeiramente, os conceitos de translinguismo, translinguismo literário e *spanglish*. Logo em seguida, no segundo capítulo, discorre sobre a biografia da autora, e, por último, trabalha a visão geral de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, a importância do *spanglish* na obra e a análise do poema *To live in the Borderlands*. Esse fenômeno linguístico existente na escrita de Gloria foi fundamental para o progresso da sua carreira e para o reconhecimento da literatura chicana no meio acadêmico e literário.

Desta maneira, a linha desta pesquisa prioriza o translinguismo e a transformação que esse fenômeno proporciona na vida dos sujeitos da fronteira denominados chicanos. São refletidas diferentes questões sociais, como respeito pela diversidade de gênero e a valorização das mulheres e das diferentes identidades culturais nesse território plural. É a partir da prática literária translíngue que Anzaldúa reorganiza o mundo a sua volta e mantém viva a cultura do seu povo.

CAPÍTULO 1 - O TRANSLINGUISMO E O SPANGLISH

El lenguaje tiene una disposición externa a capturar elementos de otros sistemas con los que entra en contacto; los lenguajes están activamente abiertos e inclusive son atraídos por aquello que los distingue del otro lenguaje.

Esta abertura activa de los sistemas lingüísticos hace que el lenguaje sea incontenible y transgresor. (PRAAT, 2014, p.251)¹

Neste primeiro capítulo trataremos sobre o translanguismo e, mais precisamente, sobre o fenômeno linguístico² que ocorre entre a língua espanhola e a inglesa, o *spanlish*. Esses dois idiomas estão entre as cinco línguas mais faladas no mundo e, por isso, há um grande interesse e, em muitas situações, a necessidade e o desejo em aprendê-las. Porém, por esses dois idiomas terem características distintas, como é possível que exista um fenômeno que os misture? Nos tópicos desse capítulo entenderemos a teoria, a importância e o funcionamento dos conceitos que tratam de tal fenômeno.

Primeiramente, é fundamental compreendermos as origens dessas duas línguas. De acordo com Ferreira (2000), autora do livro *História da Língua Inglesa*, o inglês está dividido em três etapas distintas: o inglês antigo, ou seja, a primeira forma do idioma; o inglês médio, que é o idioma em desenvolvimento; e, por último, o inglês moderno, que corresponde ao idioma atual. A língua inglesa surgiu como idioma falado pelos povos germanos que ocupavam a atual Inglaterra e a grande diferença entre a primeira forma do idioma e sua forma atual se deve às influências de outras línguas, entre elas o celta, o francês e o latim. Essa última está relacionada à forte presença do cristianismo no território inglês.

A chegada dos ingleses nos Estados Unidos marca o início da presença da língua inglesa no território americano. Entretanto, diversos fatores como as culturas já existentes, a presença do espanhol em algumas regiões colonizadas pela Espanha e o fluxo migratório no país geraram diferenças entre o inglês britânico e o inglês americano. Atualmente, devido a sua influência e importância nas relações internacionais, o inglês é considerado, por muitos, como a língua universal.

Em contrapartida, o espanhol, também denominado castelhano, é uma língua românica do grupo ibero-românico³ que se originou a partir das modificações do latim vulgar falado na Península Ibérica, após as invasões bárbaras. Grande parte das palavras espanholas deriva do

¹ A linguagem tem uma disposição externa para capturar elementos de outros sistemas com os quais entra em contato. As línguas são ativamente abertas e inclusive se sentem atraídas pelo que as distingue de outras línguas. Esta abertura ativa dos sistemas linguísticos tornou-a intocável e transgressiva (Tradução minha).

² Um fenômeno linguístico é quando ocorre um acontecimento em uma língua que a modifica e cria novas formas de comunicação.

³ As línguas ibero-românicas são as línguas da Península Ibérica.

latim, porém há influências de outras línguas, tais como o grego, o celta e o árabe⁴. Atualmente, o espanhol é um dos idiomas mais falados do mundo e é a língua oficial de 21 países, estando a maioria deles situado na América Latina.

Devido a certa proximidade com os Estados Unidos, às oportunidades de emprego, melhor qualidade de vida, proteção e, até mesmo, sobrevivência, muitos latino-americanos migram para o território estadunidense para construírem e/ou reconstruírem suas vidas. Esse grande número de latinos no país converteu o espanhol na segunda língua mais falada nos Estados Unidos e proporcionou o surgimento de um fenômeno que muitos chicanos chamarão de um novo idioma: o *spanglish*. Assim sendo, como o corpus de nossa pesquisa envolve o uso de tal fenômeno linguístico como língua literária, nos próximos tópicos do presente capítulo trabalharemos o translinguismo, o translinguismo literário e o *spanglish*, conceitos relacionados às práticas de linguagens bilíngues e multilíngues.

TRANSLINGUISMO

A linguagem está relacionada à capacidade de aquisição⁵ e utilização de sistemas de comunicação. Com ela, pode-se criar, nomear, trocar experiências e transformar o mundo real e o imaginário. Existem diversos tipos de linguagem que estabelecem a comunicação, sendo alguns deles as línguas, gestos, símbolos e sons. A linguagem é qualquer sistema de sinais que permite a comunicação dos indivíduos e, portanto, sua relação com a sociedade é fundamental.

Segundo Ferdinand de Saussure (1857-1913), um importante linguista e filósofo suíço, existe uma diferença entre linguagem e língua. Enquanto o primeiro conceito está relacionado a diferentes sistemas, o segundo é um produto social que faz parte da linguagem. A língua, portanto, é um código verbal compartilhado por um determinado grupo. Para exemplificar, o espanhol, inglês ou libras são diferentes línguas.

Para Saussure, a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o linguista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder (RODRIGUES, 2008, p.9).

⁴ De acordo com o filósofo, historiador da língua espanhola e ex diretor da *Real Academia Española*, o árabe, depois do latim, influenciou bastante o campo léxico do espanhol. Essa influência árabe começou com o domínio mulçumano na Península Ibérica entre 711 e 1492. Há bastantes empréstimos e derivações árabes em espanhol.

⁵ Aquisição de linguagem está relacionada ao processo de aprendizagem de uma determinada língua.

O multilinguismo, ou seja, a relação de duas (bilinguismo) ou mais línguas (multilinguismo/plurilinguismo) sempre foi uma realidade da sociedade, porém, atualmente, sua presença se tornou ainda mais forte com a globalização⁶. O aprofundamento das relações sociais, econômicas, políticas e culturais entre diferentes povos, ocasionado por diferentes motivos como, por exemplo, as migrações, permitiram a comunicação em diferentes línguas. Portanto, em um mundo globalizado, a comunicação em mais de um idioma é de grande importância.

De acordo com Maher (2007), a pessoa bilíngue não possui os mesmos comportamentos nas duas línguas. O desempenho linguístico⁷ está associado a diversos fatores que ultrapassam o conhecimento da língua. O gênero discursivo, a modalidade e a história pessoal são alguns desses fatores que influenciam nas práticas comunicativas. Além disso, nesses contextos bilíngues há diferentes comunidades linguísticas, logo, de acordo com Megale Siano (2017), as identidades culturais dos indivíduos que estão inseridos em tais contextos sofrem transformações.

Elas estão em constante mutação e há, no interior dos países, toda uma gama de diversidade de identidades culturais. É preciso considerar, além disso, que, como argumenta Maher (2007b, p.89), as culturas, quando em contato, “não são impermeáveis umas às outras”. As identidades culturais, em contexto de bilinguismo, “esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando-se e influenciando-se continuamente”. Não se trata, portanto, de uma simples “justaposição de culturas”: nesses contextos, o sujeito bilíngue faz sínteses culturais (MEGALE SIANO, 2017, p. 46).

Essas múltiplas formas de linguagem dos falantes bilíngues e multilíngues na construção de sentido são conhecidas como translinguismo. Essas práticas de linguagem transcendem as fronteiras entre os territórios geográficos, as línguas e suas variedades. O prefixo “trans” adicionado ao termo “linguagem” indica um estado de fluxo, uma quebra de barreira entre fronteiras e territórios, uma “mestiçagem” e, por fim, uma transformação. Há uma desterritorialização⁸ de línguas e culturas.

O processo de desterritorialização (...) permite não apenas a dispersão de culturas e de identidades, mas sua dinâmica produz processos de reterritorialização, ou seja, permite ancorar e recontextualizar nossos horizontes espaço-temporais para além das questões e relações sociais das territorialidades em que vivemos (...) (ZOLIN VESZ, 2015, p.49).

⁶ A globalização é o processo que envolve integração entre as economias e os mercados de diferentes países, permitindo, assim, a quebra das fronteiras entre eles. Milton Santos, um grande geógrafo brasileiro, destacou-se por escrever diferentes temas, sendo um deles a globalização. Santos (2000) teorizou e criticou determinados aspectos do mundo contemporâneo e propôs uma globalização solidária, fundamentada em valores diferentes que os das economias hegemônicas. Para ele, a globalização é o pico do processo de internacionalização do mundo capitalista.

⁷ O desempenho linguístico é a forma como um determinado sistema de linguagem é usado na comunicação.

⁸ Desterritorialização é a quebra do vínculo entre o indivíduo e seu território.

Consequentemente, o translanguismo é um fenômeno que está diretamente ligado à transculturalidade⁹, pois a partir do momento em que há um contexto de diversidade cultural, um intercâmbio de relações e uma desterritorialização de identidades culturais, formam-se novas culturas de caráter hegemônico. As culturas não são sistemas únicos e fechados e, desta forma, devemos relacioná-las a processos dinâmicos.

La transculturación es, pues, un proceso cuyas partes resultan modificadas y del que emerge una nueva realidad, compuesta y compleja; una realidad que no es una aglomeración mecánica de caracteres, ni un mosaico, sino un fenómeno nuevo, original e independiente (ONGHENA, 2008, p.368).¹⁰

Tendo em vista os aspectos analisados, translanguismo é, então, uma prática linguística dinâmica entre duas ou mais línguas de diferentes comunidades. As línguas não são vistas como sistemas separados e independentes, mas sim como práticas construtivas. No próximo tópico trabalharemos de uma forma mais aprofundada o conceito de translanguismo literário e sua importância no contexto educacional.

TRANLINGUISTICO LITERÁRIO

Após entendermos o conceito de translanguismo, abordaremos um tema ainda mais específico: o translanguismo literário. De acordo com o dicionário virtual Aurélio, o significado da palavra “literário” é relativo à literatura. Logo, ao usarmos o termo translanguismo literário, sabemos que se refere ao uso do translanguismo na literatura.

Segundo Zolin-Vesz (2014) e Ferrari (2016), o conceito de translanguismo foi usado pela primeira vez em 1994 em um meio acadêmico no país de Gales. O professor e pesquisador Cen Williams, a fim de impedir o desaparecimento do Welsh, língua falada na sua comunidade, desenvolveu uma prática pedagógica chamada *trawsieithu*, que consistia na alternância do uso do inglês e Welsh na sala de aula.

Em 2001, esse termo foi traduzido para a língua inglesa por Colin Baker e ficou conhecido como *translanguaging*, que corresponde à construção de sentido e conhecimento a partir de duas línguas. Diante disso, muitos pesquisadores e linguistas que estudam os campos de bilinguismo e multilinguismo investigam esse conceito e o processo como os falantes constroem os sentidos a sua volta. Além disso, devido à globalização e ao crescente

⁹ Transculturalidade é a transformação derivada da junção de diferentes culturas.

¹⁰ A transculturação é, portanto, um processo cujas partes resultam modificadas e do qual emerge uma nova realidade, composta e complexa; uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem um mosaico, mas sim um fenômeno novo, original e independente (Tradução minha).

intercâmbio linguístico no mundo pós-moderno do século XXI, o translanguismo é constantemente relacionado a esse período.

Entretanto, ao estudar o tema, a pesquisadora nova-iorquina Ofelia García discordou em partes de Colin Baker e redefiniu o conceito de *translanguaging*.

García (2009) defende que é coerente a denominação translanguagem quando se descrevem as práticas linguísticas do sujeito bilíngue a partir da perspectiva dos falantes, e não simplesmente a partir do uso das línguas ou do contato linguístico. Para a autora, a translanguagem se refere às múltiplas práticas discursivas nas quais os bilíngues se engajam para que seu mundo bilíngue faça sentido (CAMARGO e MEGALE, 2015, p.51).

Portanto, García defende que o translanguismo é um processo dinâmico. As duas línguas não trabalham de forma separada. São produzidos novos sentidos e recursos linguísticos que aumentam o potencial comunicativo do falante.

A autora propõe que as noções de indivíduo bilíngue e, conseqüentemente de bilinguismo, sejam reconsideradas a partir de uma visão heteroglóssica, que não vê essas línguas como separadas completamente, mas sim considerando que o sujeito se constitui na imbricação de ambas (CAMARGO e MEGALE, 2015, p.52).

Em relação ao âmbito escolar, muitos professores trabalham o translanguismo nas aulas de diferentes disciplinas, principalmente nas de língua estrangeira. Existem diversas atividades interessantes com leituras, canções, debates e outras dinâmicas que são aplicadas aos alunos e exploradas de uma forma construtiva. O translanguismo possibilita a expansão das práticas discursivas dos estudantes e a aquisição de novas formas de comunicação, ou seja, a competência bilíngue ou multilíngue. Além disso, permite a criação de um espaço social que compartilha histórias, culturas, crenças, identidades e experiências múltiplas. Portanto, a escola tem um importante papel de estimular os estudantes a valorizar as diversas identidades e culturas.

Num mundo em que as fronteiras entre as línguas não são fixas, em que há cada vez mais intercâmbios simbólicos, precisamos construir, como discute Zolin-Vesz (2016), uma sala de aula em que os alunos possam, de igual modo, participar, criar sentidos, desenvolver sua consciência multilíngue e sua sensibilidade à diversidade linguística (SOUZA, 2017, p.100).

São muitos os escritores que utilizam o translanguismo literário nas suas obras. Nesse trabalho iremos nos aprofundar em uma das obras mais famosas da escritora americana Gloria Evangelina Anzaldúa, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Já no título encontramos a presença do translanguismo a partir da combinação da língua inglesa e espanhola. A autora foi uma grande estudiosa da cultura chicana, ou seja, da cultura mexicana presente nos Estados Unidos.

No próximo tópico será abordado um importante conceito relacionado ao translinguismo que está presente em livros, séries, filmes e músicas: o *spanGLISH*. Buscaremos entender o seu conceito, a sua história e o seu funcionamento.

SPANGLISH

Neste tópico trataremos da prática linguística que ocorre entre o espanhol e o inglês nos Estados Unidos, fenômeno linguístico denominado *spanGLISH*. Esse nome deriva da junção da palavra *spanish* (espanhol) e *english* (inglês). O seu uso, apesar de ocorrer principalmente nas zonas onde há comunidades de falantes de espanhol, também está presente em zonas mais distantes, e a diversidade cultural, o uso da internet, sua presença na televisão, no cinema e em músicas são alguns dos fatores que contribuem para a sua difusão. De acordo com Nginios (2011), o *spanGLISH* é o fenômeno linguístico contemporâneo mais importante nos Estados Unidos.

A língua espanhola está presente no território norte-americano desde o século XVI, pois, além dos espanhóis terem sido os primeiros a explorarem essa terra, os estados da Califórnia, Utah, Nevada, Novo México, Arizona e partes de Colorado pertenciam ao México.

Antes que Hudson avistara las aguas del Hudson, el río había sido explorado por Esteban Gómez y bautizado como Río San Antonio; (...) la Florida fue española hasta 1819 (...) California, Nevada, Arizona, Utah, Nuevo México, Texas y partes de Colorado y de Kansas, perteneció al Virreinato de Nueva España, con capital en la Ciudad de México, hasta 1821, a México hasta 1848 y, desde entonces, a los Estados Unidos (PIÑA-ROSALES, 2008).¹¹

Entretanto, devido ao Tratado de Guadalupe Hidalgo¹², que deu fim à guerra Mexicano-Americana (1846-1848), e posteriormente à Compra Gadsden¹³, que definiu as fronteiras do território estadunidense, esses estados passaram a fazer parte dos Estados Unidos. Desse modo, podemos dizer que a data oficial do nascimento do *spanGLISH* é a mesma data da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo.

¹¹ Antes que Hudson avistasse as águas de Hudson, o rio tinha sido explorado por Esteban Gómez e sido batizado como Rio San Antonio; (...) a Flórida foi espanhola até 1819 (...) Califórnia, Nevada, Arizona, Utah, Nuevo México, Texas e partes de Colorado e de Kansas, pertenceram ao Vice-Reino de Nova Espanha, com capital na Cidade do México, até 1821, ao México até 1848 e, desde então, aos Estados Unidos (Tradução minha).

¹² Tratado de paz entre México e Estados Unidos assinado em 1848 que deu fim à Guerra Mexicano-Americana (1846 a 1848). O México cedeu os estados do Texas, Novo México e Califórnia para os Estados Unidos e o Rio Grande passou a ser fronteira dos dois países.

¹³ De acordo com o mestre Antonio Gasparetto Junior (2013), a Compra Gadsden, que ocorreu em 1853, selou a aquisição estadunidense dos territórios que pertenciam ao México.

Acontecimentos como a industrialização nos Estados Unidos nos finais do século XIX, a revolução mexicana nos princípios do século XX, a segunda guerra mundial e a posse do poder do Fidel Castro em Cuba intensificaram as migrações e o número de refugiados no país. Atualmente essas imigrações ainda acontecem e suas principais causas são por busca de trabalho e de uma melhor qualidade de vida. Portanto, devido à presença de latinos de diferentes origens/países, o espanhol presente no território estadunidense não é único e homogêneo.

La mayoría de la población hispanohablante se concentra en el suroeste del territorio estadounidense, con una inmensa mayoría de origen mexicano. Pero también se encuentra en el estado de Florida, con una mayoría de origen cubano, y en el nordeste, en Nueva York, New Jersey, Pennsylvania, Massachusetts y Washington. Una de las particularidades de esta migración es su asentamiento en zonas urbanas, ya que solo ciertos mexicanos y pequeños grupos de guatemaltecos y salvadoreños emigraron a áreas rurales del país, donde trabajan en fincas agrícolas y ganaderas (NGINIOS, 2011, p.119).¹⁴

Segundo os dados do Censo de 2009¹⁵, havia mais de 48 milhões de latino-americanos no território estadunidense, o que indica a grande diversidade cultural e a forte presença do espanhol no país. Ademais, a previsão para 2050 é que esse número aumente para 132 milhões, o que corresponde a 30% da população dos Estados Unidos.

O *spanglish* é considerado por muitos estudiosos uma nova língua e, de acordo com Fairclough (2003), a forma como ela se origina é uma grande oportunidade para o entendimento sobre a formação e desenvolvimento das outras línguas. Além disso, o autor defende a ideia de que esse novo idioma é uma latinização dos Estados Unidos, pois é uma mistura linguística que engloba fonemas, morfemas e identidades.

Debido a la opresión política, social y económica a principios del siglo XX, el español no era visto con buenos ojos, era considerado la lengua de una minoría que rehusaba aceptar el inglés como lengua oficial. Irónicamente, la marginación hizo que estos hablantes buscaran ciertos elementos de cohesión que los unieran y los ayudaran a identificarse como chicanos. Uno de ellos fue un nuevo dialecto que ellos crearon y que se conocía en ese entonces como el lenguaje de los pachucos (el spanglish de ahora). El spanglish surgió en la calle y se introdujo en los programas

¹⁴ A maioria da população de língua espanhola está concentrada no sudoeste do território estadunidense, sendo a grande maioria de origem mexicana. Mas também é encontrada no estado da Flórida, com maioria de origem cubana, e no nordeste, em Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Massachusetts e Washington. Uma das peculiaridades dessa migração é seu assentamento em áreas urbanas, já que apenas alguns mexicanos e pequenos grupos de guatemaltecos e salvadoreños emigraram para as áreas rurais do país, onde trabalham em fazendas agrícolas e pecuárias (Tradução minha).

¹⁵ De acordo com a atualização do Departamento do Censo dos Estados Unidos, em 2018 os latinos representavam 39% da população estrangeira nos Estados Unidos, sendo superados apenas pelos asiáticos, que representavam 41% da população estrangeira no país. Segundo o jornal virtual “Jornal do Brasil”, em 2018 o número de estrangeiros nos Estados Unidos atingiu o seu pico em cem anos e os latinos deixaram de ser a maioria. Além disso, a reportagem afirma que essa mudança pode influenciar o padrão de estrangeiros no país nos próximos anos.

de televisión y las campañas de publicidad hasta llegar a la situación actual, en que es usado, al menos en ocasiones, por hispanos de todas las capas sociales. Fue en la segunda mitad del siglo XX cuando empezó a tenerse conciencia de que el *espanglish* era un lenguaje nuevo, ni inglés ni español, aunque, en realidad, aún no se ha alcanzado un acuerdo sobre si el *spanglish* es una forma transitoria de comunicación o una jerga que va a camino de convertirse en dialecto. La polémica está servida, y no hay más que entrar en Internet para ver que es un tema de apasionada discusión en múltiples foros (FERNÁNDEZ-ULLOA, 2004, p.89-90).¹⁶

Os falantes de *spanglish* realizam traduções de palavras e expressões do espanhol para o inglês e vice-versa, criam novos termos devido à variabilidade sintática e intercalam o espanhol e o inglês em uma conversa ou até mesmo em uma mesma oração, porém essa alternância das línguas é uma ação pessoal, já que o falante é quem decide qual a frequência dessa mudança. Esse fenômeno é conhecido em espanhol como *cambio de código* ou *alternancia de código* e em inglês como *code-switching* ou *code-mixing*. A autora Raquel León Jiménez (2003) defende a necessidade da alternância de códigos entre os chicanos, ou seja, dos cidadãos norte-americanos de origem mexicana, pois o uso do espanhol fortalece e dá voz a sua identidade.

Entretanto, de acordo com Lipski (2003), o *spanglish* tem um próprio sistema linguístico e, conseqüentemente, segue determinadas regras gramaticais. Logo, para esse autor, algumas mudanças no código são inaceitáveis, como as alternâncias das duas línguas entre sujeito pronominal e predicado (*Ella is eating now*), entre o clítico pronominal e o verbo (*Maria needs to say lo*), entre o verbo auxiliar “haber” e o verbo principal (*Maria ha watched the film*) e, por último, entre uma palavra interrogativa inicial e o restante da oração (*¿Por qué did you came?*).

A autora Ana Celia Zentella (2009) defende a ideia de que essas alternâncias de códigos e as formas sintáticas não são totalmente livres, pois o espanhol não é a língua dominante dos Estados Unidos e, portanto, sofre opressão por ser subordinada.

No estoy de acuerdo cuando él [Ricardo Otheguy, N.d.l.A.] dice que “la mayoría de las peculiaridades son de índole completamente paralela a las del español de la península y toda América”. Hace un gran esfuerzo por abundar al *spanglish* y ponerlo dentro de este marco del español universal. [...]. Me parece que el español

¹⁶ Devido à opressão política, social e econômica do início do século XX, o espanhol não era visto com bons olhos, era considerado a língua de uma minoria que se recusava a aceitar o inglês como língua oficial. Ironicamente, a marginalização fez com que esses falantes buscassem certos elementos de coesão que os uniam e os ajudavam a se identificar como chicanos. Um deles foi um novo dialeto que eles criaram e que era conhecido na época como a língua dos pachucos (hoje o *espanglês*). O *espanglês* surgiu na rua e foi introduzido em programas de televisão e campanhas publicitárias até chegar à situação atual, em que é usado, pelo menos ocasionalmente, por hispânicos de todas as classes sociais. Foi na segunda metade do século 20 quando começou a surgir a consciência de que o *espanglês* era uma nova língua, nem inglês nem espanhol, embora, na realidade, ainda não tenha sido alcançado um acordo sobre se o *espanglês* é uma forma transitória de comunicação ou gíria que está a caminho de se tornar um dialeto. A polémica está apresentada, e basta entrar na Internet para ver que é um assunto de discussão acalorada em vários fóruns (Tradução minha).

de los Estados Unidos no es igual al español popular de México, no es igual al español popular de Puerto Rico, porque ignora el rol de la opresión lingüística por la que han pasado los hispanohablantes en este país (ZENTELLA, 2009).¹⁷

É importante destacar que o *spanGLISH* não é um fenômeno linguístico defeituoso, utilizado por pessoas que não dominam o inglês, mas sim por pessoas com uma grande competência bilíngue, pois conseguem alternar diferentes idiomas durante a interação comunicativa. Por isso, o autor Lipskin (2003) considera o *spanGLISH* um terceiro código. Além dessa nova forma de comunicação, a mistura dos códigos linguísticos, culturas e ideologias proporcionam uma nova identidade: uma identidade mestiça.

Es en la literatura, en efecto, que el spanglish adquiere su sello de legitimidad, dando a ese lenguaje autoridad y verosimilitud. La fuerza de esos autores chicanos, puertorriqueños, cubanoamericanos, dominicanos, entre otros, reside en su literatura, y su identidad se refugia en la lengua, una lengua algunas veces mestiza, híbrida, a veces rebelde, pero siempre expresión de una vida *in-between*, que les hace únicos (BETTI, 2008, p.115).¹⁸

É comum encontrarmos o uso do *spanGLISH* em séries, como em *Jane the Virgin*, em filmes, como em *Espanglês* — ambos retratam as dificuldades que os imigrantes enfrentam nos Estados Unidos — em obras literárias, como em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, que será trabalhada no terceiro capítulo, e até mesmo em músicas, como em *Impossible* do grupo Fifth Harmony. Concluimos, portanto, que é de extrema importância o reconhecimento e valorização do contexto multicultural no qual estamos inseridos.

¹⁷ Não concordo quando ele [Ricardo Otheguy, N.d.l.A.] diz que “a maioria das peculiaridades são de natureza completamente paralela às do espanhol da península e de toda a América”. Ele faz um grande esforço para abarcar o espanglês e colocá-lo dentro da estrutura do espanhol universal. [...]. Acredito que o espanhol dos Estados Unidos não é o mesmo que o espanhol popular do México, não é igual ao espanhol popular de Porto Rico, porque ignora o papel de opressão linguística que os falantes de espanhol sofreram neste país (Tradução minha).

¹⁸ É na literatura, de fato, que o espanglês adquire sua marca de legitimidade, conferindo a essa língua autoridade e verossimilhança. A força destes autores chicanos, porto-riquenhos, cubano-americanos e dominicanos, entre outros, reside na sua literatura, e a sua identidade refugia-se na língua, uma língua ora mestiça, híbrida, ora rebelde, mas sempre expressão de uma vida *in-between*, o que os torna únicos (Tradução minha).

CAPÍTULO 2 – A AUTORA GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA

I am participating in the creation of yet another culture, a new story to explain the world and our participation in it, a new value system with images and symbols that connect us to each other and to the planet. (ANZALDÚA, 1987, p. 81)¹⁹

Este capítulo tem como objetivo apresentar a biografia da autora chicana e *nepantlera*²⁰ Gloria Evangelina Anzaldúa. O texto tem como objetivo levar o leitor a refletir sobre os conceitos de identidade e feminismo, e também sobre determinadas questões sociais impostas pela sociedade e as dificuldades de viver em fronteiras, ou melhor, as dificuldades de viver em uma vida a sombras, expressão que ela mesma usa em sua obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. A luta e a persistência de Anzaldúa em querer mudar a realidade a sua volta foi fundamental para a valorização de escritoras chicanas, pois a história dela se configura na realidade de muitas outras.

Gloria Anzaldúa enfrentou muitos obstáculos no seu caminho como escritora, pois, apesar de já haver programas de doutorado sobre literatura chicana na Califórnia naquela época, as condições políticas dos Estados Unidos na década de 1980 não favoreceram a aceitação da sua obra, que trata sobre a representatividade e valorização de diferentes identidades da fronteira. Segundo Silva (2017), em 2012, as escritoras do prefácio da quarta edição de 25º aniversário de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, Norma E. Cantú e Aída Hurtado, afirmaram que no período que tal livro foi publicado havia pouco discurso público sobre multiculturalismo no território estadunidense e, por trabalhar a mistura de línguas, culturas e, até mesmo, gêneros, a escrita da autora chicana foi considerada uma espécie de blasfêmia.

Gloria Evangelina Anzaldúa, de nacionalidade norte-americana, nasceu no estado do Texas, no dia 26 de setembro de 1942, e faleceu por complicações de diabetes, aos 61 anos, na Califórnia, em 15 de maio de 2004. Em 1969, concluiu sua graduação em inglês, arte e educação na *Pan American University*, em uma cidade no Texas chamada Edinburg, nos Estados Unidos, e, posteriormente, realizou o seu mestrado de inglês e educação na Universidade do Texas, em Austin, e o doutorado sobre literatura chicana na Universidade da

¹⁹ Estou participando da criação de mais uma cultura, uma nova história para explicar o mundo e nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam uns aos outros e ao planeta (Tradução minha).

²⁰ *Nepantla* é uma palavra náhuatl, língua dos antigos astecas e que atualmente é falada no território correspondente à região central do México. *Nepantla* se refere a um processo de transição de mundos e criação de identidade. Logo, de acordo com Guitierrez (2008), uma pessoa considerada *nepantlera* (termo espanholizado) é quem navega em diferentes mundos, identidades e caminhos.

Califórnia, em Santa Cruz. Nessa última etapa de seus estudos, já trabalhava como professora e editora.

Por ser militante de causas feministas, participou do movimento ativista *Feminist Consciousness Raising Groups* e do grupo militante *Writers Guild*. Ademais, se envolveu em movimentos chicanos como o *Chicano Youth Organization (CYO)* e o *Mexican American Youth Organization (MAYO)*. Reconhecida internacionalmente, a escritora publicou obras de diferentes gêneros, sendo elas de poesias, narrativas autobiográficas, ensaios, contos, livros infantis, antologias e entrevistas.

A partir das situações que ela mesma vivenciou, Anzaldúa se dedicou a trabalhar com temas de identidade chicana, feminismo e teoria *queer*. Seu reconhecimento internacional está relacionado, principalmente, à sua obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, uma coleção de poesias e prosas que, além de abordar sua trajetória como mulher chicana e acadêmica, representa a vida das pessoas que vivem na fronteira.

Antes de abordarmos mais a fundo a biografia da autora, é importante entendermos o conceito de chicano e a teoria *queer*. O primeiro termo se refere aos cidadãos dos Estados Unidos de origem mexicana. De acordo com Lobo (2015), essa palavra surgiu, primeiramente, para remeter-se de forma pejorativa aos mexicanos presentes nos territórios conquistados pelos Estados Unidos no século XIX. Em 1960, após a luta pela autodeterminação e autodefinição (conjunto de ações e protestos que Anzaldúa chamou de *El Movimiento*), a visão depreciativa dessa palavra ganhou um novo significado. Assim, “chicano” passou a ser a representação e a resistência do povo e da cultura latina no território estadunidense. Por isso, para ressaltar a importância da sua terra e povo, a autora repete regularmente em suas obras a expressão *mi tierra, mi gente*.

Entretanto, este *El Movimiento* contribuía para a perpetuação do sistema patriarcal²¹, pois nas duas primeiras gerações, após seu surgimento, os representantes de maior poder eram homens. A independência de pensamento e expressão das autoras chicanas foi conquistada apenas na década de 1980. Dentro desse contexto, as ideologias e lutas de Anzaldúa foram de extrema necessidade para a conquista de espaço e de valorização da mulher chicana no mundo.

Chicanas are women who function in a patriarchal society, (2) Chicanas are overrepresented in the lower socioeconomic and poverty categories in a capitalist system, (3) Chicanas are racial minorities who lack representative and economic power within the United States, and (4) some Chicanas are lesbians in a predominately

²¹ Patriarcado é um sistema social no qual os homens possuem o poder primário e funções de liderança em qualquer contexto, como, por exemplo, no trabalho, na família ou na política.

heterosexual society. As a result of their triple or quadruple minority status, Chicanas and their experiences can be understood only in the context of societal sexism, classism, racism, and homophobia (NIEMAND, 2002, p.8).²²

As questões de gênero, classe, feminismo e de opressões vindas do patriarcado são abordadas de maneira profunda pelas autoras chicanas. As últimas três gerações de escritoras desse movimento são caracterizadas por serem feministas revolucionárias ao criarem novas figuras femininas que desafiam os pensamentos tradicionais da época.

Por ser filha de mexicanos imigrantes e ser a sexta geração chicana da sua família, Anzaldúa cresceu em diferentes culturas, viveu próxima da fronteira entre Estados Unidos e México, em Jesús María, passou sua infância no Sul do Texas, em Rio Grande Valley, e, ao fazer parte desse grupo excluído e marginalizado dos Estados Unidos, dedicou-se a dar voz aos chicanos em suas obras.

I am a border woman. I grew up between two cultures, the Mexican (with a heavy Indian influence) and the Anglo (as a member of a colonized people in our own territory). I have been straddling that tejas – Mexican border, and others all my life. Hatred, anger and exploitation are the prominent features of this landscape (ANZALDÚA, 2012, p. 18).²³

No prefácio da primeira versão do livro *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*, a autora afirma, em inglês, ser uma *border woman*. Ao traduzirmos essas palavras, verificamos que *border*, em português, significa “fronteira” e *woman* significa “mulher”.

Anzaldúa crê que os dois conceitos de fronteira –geográfica e identitária –são intrínsecos à sua identidade e à de todos os chicanos, impondo a sua presença eternamente, não apenas porque vive na fronteira geográfica, mas ainda porque a colisão das várias culturas presentes neste espaço é sinônimo de pressão para escolher uma delas e para se definir em termos dogmáticos: anglo-americana, mexicana ou índia. Neste contexto, a fronteira geográfica não é apenas parte da história dos chicanos, mas também do seu cotidiano, convertendo-se na metáfora escolhida pela autora para designar a experiência do seu povo (LOBO, 2015, p.99-100).

Já o segundo conceito, a teoria *queer*, consolidada por volta dos anos 90 com a publicação da obra “Problemas de Gênero”, da pesquisadora Judith Butler, defende que a orientação e a identidade sexual são frutos de uma construção social e, por isso, questiona as noções da essência do feminino e masculino, indo contra as normas socialmente aceitas.

²² As chicanas são mulheres que atuam em uma sociedade patriarcal, (2) as chicanas estão bastante representadas nas categorias socioeconômicas e de pobreza mais baixas do sistema capitalista, (3) as chicanas são minorias raciais que carecem de poder representativo e econômico nos Estados Unidos e (4) algumas chicanas são lésbicas em uma sociedade predominantemente heterossexual. Como resultado de sua condição de minoria tripla ou quádrupla, as chicanas e suas experiências podem ser entendidas apenas no contexto de sexismo social, classismo, racismo e homofobia (Tradução minha).

²³ Eu sou uma mulher da fronteira. Cresci entre duas culturas, a Mexicana (com uma grande influência indígena) e a Anglo (como um membro de um povo colonizado em nosso próprio território). Eu tenho me empenhado em tejas - fronteira com o México, e outras com toda a minha vida. Ódio, raiva e exploração são as características proeminentes desta paisagem (Tradução minha).

Queer, um termo ainda recente e de bastante discussão, refere-se a pessoas que transitam entre os gêneros impostos pela sociedade e não se identificam com o feminino ou masculino. Logo, por ser uma mulher lésbica, feminista e ativista, a chicana Gloria Anzaldúa buscou lutar pelos seus ideais, trabalhando, assim, com tais conceitos em suas obras.

This book, then, speaks of my existence. My preoccupations with the inner life of the Self, and with the struggle of that Self amidst adversity and violation; with the confluence of primordial images; with the unique positionings consciousness takes at these confluent streams; and with my almost instinctive urge to communicate, to speak, to write about life on the borders, life in the shadows (ANZALDÚA, 2012, p. 18).²⁴

Ao lermos essa citação em *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*, percebemos que autora está preocupada em expressar seus sentimentos e sua vivência como uma mulher da fronteira, ou seja, uma mulher marginalizada que luta pela representatividade da sua “vida nas sombras”, expressão encontrada na citação. A dificuldade de sobreviver na fronteira, por ser uma região de muita violência, é constantemente mencionada em seus textos.

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, a mestiça enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (ANZALDÚA, 2012, p. 100).

Anzaldúa trabalha, entre diversos e importantes conceitos, o processo de transição e reconstrução de identidades, ou seja, a descolonização²⁵ de si mesma. Sendo assim, sua escrita foi fundamental para a entrada das mulheres chicanas na literatura, para a contribuição da consciência social, para a resistência de movimentos sociais e, conseqüentemente, para o encorajamento de transformações sociais.

Devido aos seus pensamentos e reflexões, Anzaldúa influenciou outras escritoras latinas a se exporem e refletirem acerca das suas realidades compostas por raiva, exploração, contradições, ódios e barreiras enfrentadas como mulheres da fronteira. Segundo Figueiredo (2017), Anzaldúa não se acomodou no lugar confortável da academia, posicionando-se como uma intelectual que buscou falar a sua verdade. Como a própria autora diz em sua obra, “To write, or to be a writer, I have to trust and believe in myself as the speaker, as a voice for the

²⁴ Este livro, então, fala sobre minha existência. Minhas preocupações com a vida interior, e com a luta do Eu em meio à adversidade e violação; com a confluência de imagens primordiais; com os posicionamentos originais que a consciência leva a esses fluxos confluentes; e com o meu desejo quase instintivo de comunicar, de falar, de escrever sobre a vida nas fronteiras, a vida nas sombras (Tradução minha).

²⁵ Descolonização, nesse contexto, grosso modo, é o ato de retirar de si determinadas características colonialistas, ou seja, de herança colonial, e adquirir independência ante elas.

images. I have to believe that I can communicate with images and words and that I can do it well” (ANZALDÚA, 2012, p.95).²⁶

Desde pequena, a escritora chicana participou de movimentos sociais. Em 1950 esteve presente nos protestos dos camponeses do Sul do Texas, já que pertence a uma família de camponeses. Posteriormente, após sua ida à Califórnia, criticou o feminismo americano da época ao afirmar que a opressão sofrida pelas mulheres brancas era diferente da opressão sofrida pelas mulheres negras, já que estas não tiveram os mesmos privilégios daquelas. Com isso, em 1981, publicou pela primeira vez, junto com a escritora chicana, feminista e ativista Cherríe Moraga, uma antologia feminista chamada *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*²⁷. A obra, um testemunho das experiências das mulheres, aborda a questão da interseccionalidade²⁸, denuncia o sistema opressor e clama pela liberdade de cor e etnia.

Sua escrita é caracterizada pelo *code-switching*²⁹ e, por isso, encontra-se em seus textos o uso do *spanglish* e do *náhuatl*³⁰. Essa alternância de códigos simboliza uma característica cultural marcante da fronteira, uma forma de descentralizar o poder de uma determinada língua, espaço, cultura e uma auto-identificação. Ademais, Anzaldúa também adotava a prática do *code-switching* nas suas aulas com os seus alunos. Por isso, a autora explica e ressalta em sua obra a importância e a característica do idioma a ser usado: “A language which they connect their identity to, one capable of communicating the realities and values true to themselves – a language with terms that are neither español ni inglés, but both” (ANZALDÚA, 2012, p. 77).³¹

Para ilustrar esse fato, podemos citar a última estrofe do poema “To live in the borderlands”(1987), na qual Anzaldúa explica em *spanglish* como sobreviver em uma fronteira:

²⁶ Para escrever, ou para ser escritor, tenho que confiar e acreditar em mim como orador, como voz das imagens. Eu tenho que acreditar que posso me comunicar com imagens e palavras e que posso fazer isso bem (Tradução minha).

²⁷ Esta Ponte Chamada Minhas Costas: De Radicais Mulheres de Cor. (Uma das diferentes traduções existentes para o título dessa obra).

²⁸ A interseccionalidade estuda, grosso modo, como as identidades sociais e políticas podem ser atravessadas por diferentes formas de discriminação e privilégios.

²⁹ Em linguística, o termo inglês *code-switching* significa a alternância de códigos linguísticos, ou seja, a alternância de diferentes línguas.

³⁰ A língua náhuatl pertence à família uto-asteca, a grupos linguísticos indígenas das Américas. É usada pelo povo náuatle, membros de comunidades indígenas da alta planície mexicana e de algumas outras regiões da América Latina.

³¹ Um idioma ao qual eles conectem sua identidade, um idioma capaz de comunicar as realidades e os valores verdadeiros para eles mesmos – um idioma com termos que não são nem o espanhol e nem o inglês, mas ambos (Tradução minha).

To survive the Borderlands
you must live sin fronteras
be a crossroads.³²

Esse poema está presente na sua obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* e trata sobre os problemas enfrentados por viver na fronteira e a melhor forma de lidar com tal realidade. O pensamento de Carvalhal (1991) está de acordo com as ideias de Anzaldúa, pois, de acordo com o autor, a fronteira é o espaço de divisa e determinação que demarca diferenças, afirma identidades e determina necessidades de representação.

Conclui-se, então, que a escrita da autora chicana Gloria Evangelina Anzaldúa se concentra nas margens, nos conflitos que ocorrem nas fronteiras. Seus posicionamentos e lutas foram fundamentais para o questionamento de determinadas normas sociais da época e para a valorização de identidade e cultura dos povos mestiços. Sua auto-história em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* serviu como força motriz para muitas autoras chicanas que se identificam com a sua biografia, ideais e objetivos. Portanto, Anzaldúa é uma das principais representantes do sujeito de fronteira, porque ressignifica os conceitos de língua, território e margem. Mesmo após sua morte, os reflexos da sua luta ainda são reproduzidos nas suas palavras em *Borderlands*.

³² Para sobreviver nas fronteiras/ Você deve viver sem fronteiras/ Ser uma encruzilhada (Tradução minha).

CAPÍTULO 3 - O SPANGLISH NA OBRA *BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA*

This book, then, speaks of my existence. My preoccupations with the inner life of the Self, and with the struggle of that Self amidst adversity and violation; with the confluence of primordial images; with the unique positioning consciousness takes at these confluent streams; and with my almost instinctive urge to communicate, to speak, to write about life on the borders, life in the shadows.
(ANZALDÚA, 2012, p.18)³³

A fronteira entre México e Estados Unidos não só demarca um país, como separa línguas, culturas, crenças, povos e, portanto, identidades. Entretanto, aqueles que vivem em uma “vida nas sombras”, expressão usada pela própria Anzaldúa, encontram-se em espaços de choques culturais, psicológicos e espirituais: “Borderlands with a small b is the actual southwest borderlands or any borderlands between two cultures, but when I use the capital B it’s a metaphor for the processes of many things: psychological, physical, mental” (ANZALDÚA, 2012, p.176).³⁴ Nesse sentido, ao escrever sua principal obra, *Boderlands/La Frontera: The New Mestiza*, a autora relata suas experiências e seus sentimentos por ser uma mulher da fronteira, e reclama pela valorização dos chicanos.

Durante todo esse trabalho, foram mencionados diversas vezes o nome e algumas características da sua principal obra. Portanto, após entendermos os conceitos de translinguismo, *spanGLISH*, e conhecermos detalhadamente a biografia da escritora chicana Gloria Evangelina Anzaldúa, iremos, agora, aprofundar-nos em *Boderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Esse capítulo é composto por três tópicos, que estão divididos em: visão geral do livro, importância do *spanGLISH* no texto e análise de *To live in the Borderlands*, poema presente na obra.

A OBRA *BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA* (VISÃO GERAL)

Borderlands/La Frontera: The New Mestiza é a obra mais emblemática da autora Gloria Evangelina Anzaldúa. Composto por duas partes e publicado em 1987, o texto redefine

³³ Este livro, então, fala da minha existência. Minhas preocupações com a vida interior do Eu e com a luta desse Eu em meio à adversidade e violação; com a confluência de imagens primordiais; com o posicionamento único que a consciência assume nessas correntes confluentes; e com meu impulso quase instintivo de me comunicar, falar, escrever sobre a vida nas fronteiras, a vida nas sombras (Tradução minha).

³⁴ *Borderlands* com um b minúsculo são as verdadeiras fronteiras do sudoeste ou quaisquer fronteiras entre duas culturas, mas quando eu uso o B maiúsculo, me refiro a uma metáfora para os processos de muitas coisas: psicológicas, físicas, mentais (Tradução minha).

a identidade chicana através da abordagem de diferentes temas, como gênero, identidade e colonialismo. A primeira parte da obra, denominada *Atravesando fronteras / Crossing borders*³⁵, é formada por sete capítulos de textos em prosa, autobiografia e ensaios. Já na segunda parte, denominada *Un agitado viento/ Ehécatl, the wind*³⁶, encontramos seis capítulos de poemas autorais. Além disso, a escritora se expressa em mais de uma língua e mescla diferentes culturas. Portanto, por haver essas diversas combinações, podemos afirmar que *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* é um livro híbrido³⁷. De acordo com Goulart (2010), a cultura escrita é composta por múltiplas linguagens sociais e gêneros que se entrelaçam.

Anzaldúa ora trilha o caminho da escrita teórica acadêmica, ora o do lirismo poético. *Borderlands/la frontera the new mestiza* se mostra como uma narração propositalmente complexa, na qual a autora revela que, por não ter encontrado um lugar adequado de fala pronto para si, ela se decide por criar um novo (SILVA, 2018, p.6).

A presença de diferentes gêneros textuais, culturas, línguas, linguagens (formal e informal) e características da oralidade e escrita na obra provocam o rompimento da fronteira linguística e literária, e, conseqüentemente, configuram um espaço plural. Além disso, apesar de o livro estar escrito, em sua grande parte, em primeira pessoa, os temas trabalhados não representam apenas a vida, as experiências e as dificuldades sofridas por Anzaldúa, mas também a realidade de todos os grupos que se identificam com a sua história, sua vivência e seus ideais. A autora buscou dar voz e representação aos marginalizados, através da busca de movimentos de reconhecimento dentro e fora da academia. A discriminação e o racismo, propagados pelos opressores, e o sentimento de não-pertencimento dos oprimidos são constantemente abordados na obra, seja em relação ao gênero, à língua, à cultura e/ou à identidade.

A(s) cultura(s) do povo chicano, mexicano, texano e estadunidense se faz(em) presente(s) em cada praça, restaurante ou museu que se possa visitar na região. O fato de Anzaldúa retratar em seu texto a separação das línguas e, por sua vez, a segregação pelo não domínio da língua inglesa, materializa, em sua obra, o “roçar entre as culturas” e o quanto ainda se pode discutir as formas de hegemonia nas culturas e identidades periféricas, que lutam para sobreviver nos Estados Unidos e por extensão, na América Central e Latina (FIGUEIREDO; HANNA, 2018, p.14).

³⁵ Atravesando fronteiras (Tradução minha).

³⁶ Um vento agitado (Tradução minha).

³⁷ Híbridismo é o resultado da mistura de elementos de diferentes línguas e culturas. Portanto, de acordo com Gutiérrez (2015), para um livro ser considerado híbrido, é necessário mesclar diferentes línguas, culturas e/ou gêneros.

As palavras da autora chicana em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* constataam que a forma de agir e pensar das pessoas que vivem no contexto de fronteira México-Estados Unidos é regida pelo território que possui mais poder, que oferece mais oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Nesse sentido, por ter tais características de colonizador, os Estados Unidos impõe sua identidade cultural sobre os chicanos. Na citação seguinte, retirada de sua obra, Anzaldúa menciona a preocupação de sua mãe em esconder as origens mexicanas: “I want you to speak English. Pa’ hallar buen trabajo tienes que saber hablar el inglés bien. Qué vale toda tu educación si todavía hablas inglés con un ‘accent’, my mother would say, mortified that I spoke English like a Mexican” (ANZALDÚA, 2012, p.75-76).³⁸

Na primeira parte do livro, a escritora faz uma análise cultural e críticas históricas pertinentes sobre a região de fronteira México-Estados Unidos. Já na segunda parte, escreve, através de poesias, as lembranças de suas experiências e do local onde cresceu. Dessa maneira, com a sua escrita, Anzaldúa se posiciona contra a hegemonia³⁹ cultural da sua época. A leitura da sua obra é, então, pautada no campo cultural, linguístico e político.

Portanto, ao sofrer tantas violências por ser uma mulher chicana, lésbica e feminista, Anzaldúa sentiu a extrema necessidade de reivindicar seus direitos e ressignificar os valores e visão de mundo que compunham o seu redor. Através da sua força e palavras, muitas vezes cruas e radicais, buscou transformar o contexto no qual estava inserida, lutando pelo respeito, pela cultura, pela identidade e pela herança histórica do povo chicano. A sua obra, ao ser lida, provoca angústia e sensações negativas em muitos leitores, pois é um texto que retrata, de forma intensa e detalhada, a dura realidade daqueles que vivem na fronteira. O conceito de *border*⁴⁰, tanto geográfico como identitário, é intrínseco à autora, ao seu trabalho e a sua relação com o mundo. Logo no início de *Borderlands*, há uma longa citação que representa, detalhadamente, a sua relação com essa palavra.

The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country - a border culture. Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. Los atravesados live here: the squint-eyed, the perverse, the queer, the troublesome, the

³⁸ Eu quero que você fale inglês. Para conseguir um bom trabalho, você tem que falar um bom inglês. De que vale toda a sua educação se você ainda fala inglês com ‘sotaque’, minha mãe dizia, ela tinha medo de que eu falasse inglês como uma mexicana (Tradução minha).

³⁹ “Hegemonia” é o poder/domínio que alguém ou algo exerce em relação aos outros.

⁴⁰ *Border*, traduzido do inglês para o português, significa “fronteira”.

mongrel, the mulato, the half-breed, the half dead; in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the "normal". Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors, aliens - whether they possess documents or not, whether they're Chicanos, Indians or Blacks. Do not enter, trespassers will be raped, maimed, strangled, gassed, shot. The only "legitimate" inhabitants are those in power, the whites and those who align themselves with whites. Tension grips the inhabitants of the borderlands like a virus. Ambivalence and unrest reside there and death is no stranger (ANZALDÚA, 2012, p.25-26).⁴¹

Apesar do grande sucesso atual, seu livro sofreu diversos ataques e, inclusive, proibitivos, devido às reivindicações e posicionamentos da autora. As críticas negativas sobre o conteúdo do texto não foram feitas apenas no ano de seu lançamento, na década de 80. Em 2012, quando a obra completou vinte e cinco anos de publicação, Jan Brewer, governadora do Arizona, proibiu os estudos de Literatura Chicana nas escolas públicas do estado e, conseqüentemente, *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* foi adicionado, pela *Tucson Unified School Distric*⁴², à lista das obras proibidas nas escolas.

Segundo Silva (2018), os cursos destinados aos chicanos também foram banidos. Eles tinham como objetivo trabalhar a cultura mexicana e contribuir para a formação identitária dos cidadãos de origem mexicana que perderem o vínculo com suas famílias. O motivo dessas proibições se deve às políticas de homogeneização da cultura, identidade e língua (inglesa) nos Estados Unidos.

Segundo a governadora, Jan Brewer, essa lei faz parte das ações preventivas para eliminar o preconceito e o discurso de ódio contra os brancos, supostamente incitado por professores e alunos chicanos. No entanto, a justificativa da governadora revela uma preocupação unilateral de defender a imagem da nação, predominantemente branca, frente as outras etnias (SILVA, 2018, p.8).

Entretanto, essas medidas restritivas contribuíram para a influência e o sucesso da obra, pois a autora aborda exatamente essa questão hegemônica, o apagamento e desvalorização do sujeito da fronteira.

⁴¹ A fronteira U.S.-Mexicana é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo é contra o primeiro e sangra. E antes que uma crosta se forme com hemorragia novamente, a força vital de dois mundos se funde para formar um terceiro país – uma cultura de fronteira. Fronteiras são configuradas para definir os locais que são seguros e inseguros, para nos distinguir deles. Uma fronteira é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma fronteira antinatural. Está em constante estado de transição. Os proibidos são seus habitantes. *Los atravesados* vivem aqui: os vesgos, os perversos, os *queer*, os problemáticos, o vira-lata, o mulato, o mestiço, o meio morto; em suma, aqueles que cruzam, passam pelos limites do "normal". Os gringos no sudoeste dos EUA consideram os habitantes das fronteiras como transgressores, estrangeiros – sejam eles portadores de documentos ou não, sejam chicanos, índios ou negros. Não entre, os invasores serão estuprados, mutilados, estrangulados, gaseados, baleados. Os únicos habitantes "legítimos" são os que estão no poder, os brancos e os que se alinham com os brancos. A tensão atinge os habitantes das terras fronteiriças como um vírus. Ambivalência e inquietação residem lá e a morte não é estranha (Tradução minha).

⁴² *Tucson Unified School Distric* é o maior distrito escolar de Tucson, Arizona.

Diante dessa análise de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, concluímos que a escrita é a forma que Anzaldúa recorre para reorganizar o mundo a sua volta.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome (ANZALDÚA, 2012, p.232).

As palavras da autora materializam as vozes dos sujeitos marginalizados e, por isso, têm o poder de influenciar e atingir os leitores de uma forma profunda, íntima. Depois da publicação do livro, como consequência da força e incentivo de suas palavras, outras escritoras chicanas também se manifestaram e se posicionaram. O objetivo do seu texto, ao reconfigurar a figura da *mestiza* a partir do rompimento das fronteiras culturais e sociais, é acabar com a “vida nas sombras” e mostrar para aqueles que se identificam com a sua realidade que é possível viver uma vida descolonizada. Como ela mesma afirma, “To survive the Borderlands/ you must live sin fronteras/ be a crossroads”(ANZALDÚA, 2012, p.217).⁴³

O SPANGLISH NA OBRA *BORDERLANDS/LA FRONTERA: THE NEW MESTIZA*

A autora Gloria Evangelina Anzaldúa retrata em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* as diferenças culturais, identitárias e linguísticas existentes na fronteira. Com toda essa multiplicidade, criou-se uma “terceira cultura”, um espaço com características bastante distintas das outras que se encontram fora da fronteira. Segundo Stavans (2002), viver no meio de duas culturas não significa ter que escolher uma delas e ignorar a outra, mas sim mesclá-las e, conseqüentemente, criar novas características. Logo, *the border* representa um terreno fértil e múltiplo.

As diferentes línguas usadas pela escritora são um aspecto fundamental da obra, pois lhe atribui um caráter único. Quando pensamos em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, pensamos em uma língua fronteiriça. Sendo assim, neste tópico trabalharemos a importância do *spanGLISH* no texto, um fenômeno de representação e resistência do povo chicano e que, para muitos deles, é considerado uma nova língua, a língua do sujeito da fronteira. Para Stavans (2003), esse fenômeno linguístico “(...) is something very hard to define, but very easy to recognize” (STAVANS, 2003, p.5).⁴⁴

⁴³ Para sobreviver na fronteira/ você deve viver sem fronteiras/ ser uma encruzilhada (Tradução minha).

⁴⁴ É algo difícil de definir, mas muito fácil de reconhecer (Tradução minha).

Na primeira edição do prefácio de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, a autora explica para os seus leitores a razão que a levou a usar o translanguismo em sua escrita. Segundo Gloria Anzaldúa (1987), a mistura de todas as línguas no livro, que engloba o inglês, espanhol, *spanglish* e *náhuatl*, representa a sua língua, ou seja, a língua da fronteira. Esse contexto linguístico, que está diretamente relacionado à identidade cultural dos chicanos, contribui para a sua representação e importância no mundo, um lugar repleto de sociedades multiculturais e multilíngues. Além disso, é uma estratégia de resistência à cultura dominante dos Estados Unidos.

No entanto, em sua obra, a autora menciona a dificuldade de ser uma criança chicana imersa na cultura estadunidense e questiona os mecanismos usados por essa cultura dominante para silenciar o “diferente”. Por falar espanhol ou um inglês com sotaque, sofreu bastante preconceito linguístico. Por exemplo, os estudantes que não se comunicavam em inglês no ambiente escolar recebiam punições.

I remember being caught speaking Spanish at recess - that was good for three licks on the knuckles with a sharp ruler. I remember being sent to the corner of the classroom for “talking back” to the Anglo teacher when all I was trying to do was tell her how to pronounce my name. “If you want to be American, speak ‘American’. If you don’t like it, go back to Mexico where you belong” (ANZALDÚA, 2012, p.75).⁴⁵

Entretanto, essas opressões sofridas pelos chicanos não aconteciam apenas nas escolas, mas também em outros contextos. Devido às políticas hegemônicas nos Estados Unidos, a vida da escritora foi marcada por racismo, discriminação e intimidação: “[I]n childhood we are told that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue throughout our lives” (ANZALDÚA, 2012, p.80).⁴⁶

Em sua obra, a escritora afirma que se enxerga como uma órfã, pois não se sente encaixada no mundo em que vive, já que a forma como se comunica e a sua cultura não são aceitas pelos demais. Em uma citação do texto, demonstra a sua dor, raiva e injustiça que enfrenta diariamente devido a essa marginalização.

We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic mestizaje, the subject of your burla. Because we speak with tongues of fire, we are

⁴⁵ Lembro-me de ser pega falando espanhol no recreio - isso era bom o suficiente para darem três batidas nos nós dos dedos com uma régua afiada. Lembro-me de ser mandada para o canto da sala de aula para “responder” à professora anglo quando tudo que eu estava tentando fazer era dizer a ela como se pronunciava o meu nome. “Se você quer ser americano, fale ‘americano’. Se você não gosta, volte para o México, lugar ao qual você pertence” (Tradução minha).

⁴⁶ Na infância, nos foi dito que a nossa língua é errada. Os repetidos ataques negativos sobre nossa língua diminuem nossa autoestima. Os ataques continuam ao longo das nossas vidas. (Tradução minha).

culturally crucified. Racially, culturally, and linguistically, somos huérfanos — we speak an orphan tongue (ANZALDÚA 1987, p.401).⁴⁷

Portanto, como uma forma de manter a sua cultura, identidade e, conseqüentemente, sentir-se viva, a autora se expressou em diferentes idiomas na sua obra, não se restringindo apenas ao inglês. Segundo Anzaldúa (2012), o *spanglish* era o idioma que mais dominava e falava com naturalidade. Ademais, afirmou que a língua é, para alguns, assim como para ela, uma pátria: “For some of us, language is a homeland closer than the Southwest – for many Chicanos today live in the Midwest and the East” (ANZALDÚA, 2012, p.77).⁴⁸ Em outra citação, presente no quinto capítulo denominado *How to Tame a Wild Tongue*⁴⁹, destacou a importância e a capacidade de transformação que a língua tinha sobre ela:

Ethnic identity is twin skin to linguistic identity – I am my language. Until I can take pride in my language, I cannot take pride in myself. Until I can accept as legitimate Chicano Texas Spanish, Tex-Mex and all the other languages I speak, I cannot accept the legitimacy of myself. Until I am free to write bilingually and to switch codes without having always to translate, while I still have to speak English or Spanish when I would rather speak *Spanglish*, and as long as I have to accommodate the English speakers rather than having them accommodate me, my tongue will be illegitimate (ANZALDÚA, 2012, p.81).⁵⁰

Essa transculturação⁵¹ presente em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* possibilitou a criação de um lugar onde os chicanos conseguem ser eles mesmos: livres do poder, das regras, dos preconceitos e do sentimento de não-pertencimento. Por isso, após a publicação da obra, alguns chicanos que partilhavam as mesmas histórias e sentimentos de Anzaldúa, passaram a manifestar-se e a lutar por essa nova figura da *mestiza*.

[N]esse território em que vozes são silenciadas, a de Anzaldúa ecoa em sua obra mostrando a representatividade da língua como parte da identidade de um povo híbrido, que rompe as barreiras do ‘eu mexicano’, mas que também nega a identidade de ‘norte-americanos’ (SANTOS; KUDO, 2012, p. 141).

⁴⁷ Nós somos o seu pesadelo linguístico, a sua aberração linguística, sua mestiçagem linguística, o sujeito de sua burla. Porque falamos as línguas do fogo, somos crucificados culturalmente. Racialmente, culturalmente, e linguisticamente, somos órfãos — falamos uma língua órfã (Tradução minha).

⁴⁸ Para alguns de nós, a língua é uma pátria mais próxima que o Sudoeste – para muitos chicanos que hoje vivem no meio-oeste e leste.

⁴⁹ Como domesticar uma língua selvagem (Tradução minha).

⁵⁰ A identidade étnica é a pele gêmea da identidade linguística - eu sou a minha língua. Até que eu possa me orgulhar de minha língua, não posso me orgulhar de mim mesmo. Até que eu possa aceitar como legítimo o espanhol chicano do Texas, o Tex-Mex e todas as outras línguas que falo, não posso aceitar a minha legitimidade. Até que eu esteja livre para escrever bilinguisticamente e trocar códigos sem ter sempre que traduzir, enquanto eu ainda tenho que falar inglês ou espanhol quando eu preferiria falar espanglês, e contanto que eu tenha que acomodar os falantes de inglês em vez de que eles me acomodem, minha língua será ilegítima (Tradução minha).

⁵¹ “Transculturação” é a transformação cultural resultante do contato de duas ou mais culturas diferentes.

Para exemplificar o translinguismo existente no livro, segue uma passagem muito interessante, presente no capítulo seis, *Tilli, Tlapalli: The Path of the Red and Black Ink*⁵², que demonstra o poder das palavras e da imagem para a autora.

I write the myths in me, the myths I am, the myths I want to become. The word, the image and the feeling have a palpable energy, a kind of power. Con imágenes domo mi miedo, cruzo los abismos que tengo por dentro. Con palabras me hago piedra, pájaro, puente de serpientes arrastrando a ras del suelo todo lo que soy, todo lo que algún día seré (ANZALDÚA, 2012, p.126).⁵³

De acordo com Stavans (2000), Salaberry (2002), Fairclough (2003) e Racine (2003), o *spanglish* é uma consequência natural do contato linguístico de diferentes idiomas, assim como ocorre com o “portunhol”, a mistura do português e do espanhol nas fronteiras de países que falam essas línguas. Esses processos não são forçados e tampouco podem ser impedidos. Segundo Fairclough (2003), o *spanglish* “neither be stopped nor imposed” (FAIRCLOUGH, 2003, p.200).⁵⁴ Entretanto, após analisarmos a obra, podemos afirmar com convicção que esse fenômeno representa algo muito maior que apenas a mistura do inglês e espanhol. O *spanglish* reflete a maneira como os chicanos reconhecem a sua identidade, sua herança cultura e, por conseguinte, a maneira como se mantêm “vivos”.

ANÁLISE DO POEMA *TO LIVE IN THE BORDERLANDS*

Neste tópico será analisado o poema *To live in the Borderlands*⁵⁵, de Gloria Anzaldúa, presente nas páginas 261 e 262 da segunda parte da obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Por esse trabalho monográfico tratar, dentre outros assuntos, sobre o verdadeiro valor da palavra “fronteira” e a representação do uso do *spanglish* em *Borderlands*, a análise deste poema torna-se importante, pois seus versos dialogam diretamente com os aspectos abordados anteriormente.

Este poema é composto por oito estrofes que possuem quantidade de versos desiguais, variando entre três a oito linhas por estrofe. A presença do *spanglish* no texto é uma de suas principais características. A mescla do inglês e do espanhol realizada por Anzaldúa tem como objetivo representar a resistência e valorização da cultura do sujeito da fronteira.

⁵² *Tilli, Tlapalli*: O caminho da tinta vermelha e preta (Tradução minha).

⁵³ Eu escrevo os mitos em mim, os mitos que sou, os mitos que quero me tornar. A palavra, a imagem e o sentimento têm uma energia palpável, uma espécie de poder. Com imagens eu domino meu medo, atravesso os abismos que tenho por dentro. Com palavras me torno uma pedra, um pássaro, uma ponte de cobras arrastando, num vôo rasante, tudo o que sou, tudo o que um dia eu serei (Tradução minha).

⁵⁴ Não pode ser separado, nem imposto (Tradução minha).

⁵⁵ Viver na fronteira (Tradução minha).

Uma técnica bastante utilizada pela poeta é o encadeamento. Em diferentes partes do texto, o leitor é obrigado a dar continuidade à sua leitura no verso seguinte para entender o sentido das palavras, pois o verso anterior se encontra incompleto. Os três primeiros versos da segunda estrofe são exemplos dessa versificação⁵⁶.

To live in the Borderlands means knowing
that the *india* in you, betrayed for 500 years,
is no longer speaking to you,⁵⁷

A repetição de uma determinada frase é outro recurso utilizado nesse poema. A frase *To live in the Borderlands means* inicia a maioria das estrofes, mais especificamente as estrofes 1, 2, 4, 5 e 7, e permite que o poema alcance o seu objetivo, que é mostrar ao leitor a vida do sujeito da fronteira a partir das diversas situações que enfrenta. Além disso, essa técnica confere ao texto musicalidade.

Nos primeiros três versos da primeira estrofe, a poeta defende a luta pela resistência da identidade e cultura chicana. Ela afirma que o sujeito da fronteira não é hispânico⁵⁸, nem mulato⁵⁹, pois essas palavras descrevem unicamente uma pessoa e se convertem, facilmente, em um insulto. Para Anzaldúa (2012), o chicano é composto pela mistura de diversas culturas e, por isso, não pode estar relacionado a apenas uma “categoria” ou a uma palavra que tem um valor único e pejorativo.

To live in the borderlands means you
are neither *hispana*, *india*, *negra*, *española*
*ni gabacha*⁶⁰, *eres mestiza*, *mulata*, *half-breed*^{61 62}

Na terceira estrofe, Anzaldúa demonstra as dificuldades que o sujeito da fronteira enfrenta. Através da personificação do vento, afirma que esse indivíduo, por ter diferentes heranças e culturas, é silenciado. Logo em seguida, enumera diversos adjetivos ofensivos que os opressores dão aos chicanos, como *burra*, *buey*⁶³ e *scapegoat*⁶⁴, demonstrando, assim, o

⁵⁶ Versificação é o conjunto de métodos utilizados para compor versos e possibilitar a harmonização e beleza nos poemas ou músicas.

⁵⁷ Viver nas fronteiras significa saber / que a índia em você, traída por 500 anos, / não fala mais com você (Tradução minha).

⁵⁸ Indivíduo que fala espanhol ou é descendente de população de língua espanhola.

⁵⁹ Indivíduo descendente de pais brancos e negros. Esse termo é racista e ofensivo, pois deriva do animal “mula”, que é o progênito do cruzamento do cavalo/égua com o(a) jumento(a).

⁶⁰ *Gabacha* é uma palavra usada para referir-se, de forma pejorativa, a um estrangeiro.

⁶¹ *Half-breed* é uma palavra usada para referir-se, de forma pejorativa, a um “mestiço”.

⁶² Viver na fronteira significa que você / não é hispânica, índia, negra, espanhola, / nem estrangeira, mestiça, mulata, *half-breed* (Tradução minha).

⁶³ Boi (Tradução minha). Mas nesse contexto, assume um sentido negativo, um xingamento.

⁶⁴ Bode expiatório (Tradução minha). Mas nesse contexto, assume um sentido negativo, um xingamento.

preconceito sofrido por esse povo. Por último, os próximos versos dessa estrofe dão continuidade ao tema da mescla de identidades ao atribuir um novo gênero a este sujeito da fronteira.

Cuando vives en la frontera
 people walk through you, the wind steals your voice,
 you're a *burra*, *buey*, scapegoat,
 forerunner of a new race,
 half and half — both woman and man, neither — a new gender.⁶⁵

Na sexta estrofe, a maior do poema, a escritora afirma que viver na margem é como estar ferido em um combate perdido ou morrer após lutar contra o inimigo. Ou seja, o povo chicano sofre com as políticas hegemônicas determinadas pelo “colonizador”. A imposição da cultura estadunidense é a causa da ferida, da dor e da morte de uma identidade e herança cultural. O sujeito da fronteira não se sente encaixado no lugar em que se encontra.

In the Borderlands
 [...]

 you are wounded, lost in action
 dead, fighting back.⁶⁶

Por fim, na última estrofe, a menor do poema, Anzaldúa (2012) ensina como sobreviver em uma fronteira e, portanto, finaliza o texto de uma forma positiva e incentivadora. Para ela, o segredo dessa sobrevivência é viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada. Em outras palavras, o chicano não deve aceitar a cultura imposta pelo país de maior poder, os Estados Unidos, e, deste modo, deve se tornar o criador da sua própria identidade, a partir da mistura das diferentes culturas e línguas compartilhadas no lugar em que se encontra e pertence.

To survive the Borderlands
 you must live *sin fronteras*
 be a crossroads.

⁶⁵ Quando você vive na fronteira / as pessoas passam por você, o vento rouba sua voz / você é burra, estúpida, bode expiatório / precursor de uma nova raça / meio a meio — tanto mulher, como homem — um novo gênero (Tradução minha).

⁶⁶ Na fronteira / você está ferido, perdido em ação / morto, lutando de volta (Tradução minha).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do projeto “O ensino de literatura translinguística latino-americana (Espanhol- Inglês-Português) na e para a formação e atuação de professores de Espanhol Língua Estrangeira”, foi elaborado o trabalho monográfico “O *spanglish* na obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, de Gloria Anzaldúa”, que tem como objetivo discorrer sobre o translinguismo na principal obra da escritora chicana.

Apesar de o livro ter recebido diversas críticas devido ao conteúdo discutido, é considerado um dos textos mais emblemáticos que trabalha o translinguismo literário. A escrita de Anzaldúa atinge profundamente seus leitores e representa de forma fiel e intensa a dura realidade do sujeito na fronteira México-Estados Unidos (também chamada, pela autora e outros estudiosos, de fronteira Tex-Mex).

Dividido em três capítulos, o presente trabalho foi composto por diferentes assuntos que se entrelaçam. No primeiro capítulo, denominado “O translinguismo e o *spanglish*”, foram abordados o translinguismo, translinguismo literário e o *spanglish*. A análise desses conceitos foi fundamental para o desenvolvimento e o entendimento de nosso corpus. Ademais, foi abordada, de forma resumida, a história da língua inglesa e espanhola, e a relação desses idiomas nas terras fronteiriças México-Estados Unidos.

Já no segundo capítulo, foi trabalhada a biografia de Gloria Evangelina Anzaldúa. Por ser a escritora do livro analisado, conhecê-la se tornou algo imprescindível para a execução desse trabalho. Sua vida foi marcada por muitas barreiras e lutas. Anzaldúa deu voz aos grupos marginalizados ao debater questões sociais, como o feminismo, questões hegemônicas, preconceitos e teoria *queer*. Entendemos que, por ser uma mulher chicana, lésbica e feminista, conseguiu transmitir de maneira transparente as dificuldades e dores sofridas pelos oprimidos.

Por fim, no último capítulo, “O *spanglish* na obra *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*”, foi discutido a visão geral da obra, a importância do fenômeno linguístico *spanglish* na escrita da autora e analisado um dos poemas, presente no livro, que dialoga diretamente com toda a abordagem desta investigação. Por ser escrita por uma importante autora chicana e por trabalhar a valorização das línguas, da cultura e identidade(s) do sujeito da fronteira, esta obra é considerada até hoje uma das peças pioneiras da literatura chicana, desde a eclosão do *Movimiento Chicano* durante os anos de 1960.

Após a leitura e a análise do nosso corpus, conclui-se que a escrita translíngue vai além da mescla de diferentes idiomas. A língua é um componente que representa toda uma cultura, história e identidade. É através desse fenômeno que a literatura de Anzaldúa

conseguiu manter-se viva em meio a um contexto de muita opressão e desvalorização. Nas palavras da autora, que sintetizam a relação da escrita e do translinguismo, “Los libros salvaron mi cordura, el conocimiento abrió los lugares cerrados en mí y me enseñó en primer lugar cómo sobrevivir y en segundo como elevarme” (ANZALDÚA, 2012, p.36).⁶⁷

⁶⁷ Os livros salvaram minha sanidade, o conhecimento abriu os espaços fechados em mim e me ensinou em primeiro lugar como sobreviver e em segundo como elevar-me (Tradução minha).

ANEXOS

TO LIVE IN THE BODERLANDS

To live in the borderlands means you
 are neither *hispana india negra española*
ni gabacha, eres mestiza, mulata, half-breed
 caught in the crossfire between camps
 while carrying all five races on your back
 not knowing which side to turn to, run from.

To live in the Borderlands means knowing
 that the *india* in you, betrayed for 500 years,
 is no longer speaking to you,
 the mexicanas call you *rajetas*,
 that denying the Anglo inside you
 is as bad as having denied the Indian or Black.

Cuando vives en la frontera
 people walk through you, the wind steals your voice,
 you're a *burra, buey*, scapegoat,
 forerunner of a new race,
 half and half-both woman and man, neither-a new gender.

To live in the Borderlands means to
 put chile in the borscht,
 eat whole wheat tortillas,
 speak Tex-Mex with a Brooklyn accent
 be stopped by *la migra* at the border checkpoints.

Living in the Borderlands means you fight hard to
 resist the gold elixir beckoning from the bottle,
 the pull of the gun barrel,

the rope crushing the hollow of your throat.

In the Borderlands

you are the battleground

where enemies are kin to each other;

you are at home, a stranger,

the border disputes have been settled

the volley of shots have scattered the truce

you are wounded, lost in action

dead, fighting back.

To live in the Borderlands means

the mill with the razor white teeth wants to shred off

your olive-red skin, crush out the kernel, your heart

pound you pinch you roll you out

smelling like white bread but dead.

To survive the Borderlands

you must live *sin fronteras*

be a crossroads.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- _____. *Borderlands/la frontera - the new mestiza / by Gloria Anzaldúa*. — 4th ed. San Francisco, CA: Aunt Lute Books, 2012.
- BETTI, S. *El Spanglish ¿medio eficaz de comunicación?* Bologna, Pitagora, 2008.
- CAMARGO, H. R.; MEGALE SIANO, A. H. *Práticas translíngues: o repertório linguístico do sujeito bilíngue no século XXI*. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, 2015.
- CARVALHAL, T. F. *Comunidades Inter-Literárias e Relações entre Literaturas de Fronteira*. In: Seminário Regional Sul da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Florianópolis: UFSC, 1991.
- CENSUS BUREAU. 2010. *Hispanic Americans by the Numbers*, Infoplease. Boston: Pearson Education. [Documento en línea: www.infoplease.com/spot/hhmcensus1.html].
- FAIRCLOUGH, M. 2003. *El (denominado) Spanglish en Estados Unidos: polémicas y realidades*. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2: 185-204.
- FERNÁNDEZ-ULLOA, T. *Espanglish y cambio de código en el Valle de San Joaquín, California*. Symposium Proceedings. 2004.
- FERRARI, L. *As práticas translingues emergentes nas aulas de escola da fronteira Brasil-Bolívia: negociação de sentidos e justiça social*. VI Seminário Internacional América Platina (VI SIAP) e I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços. UEMS, Campo Grande, 2016.
- FERREIRA, J. D. *História da Língua Inglesa*. Páginas: 79. ISBN: 972-772-169-9. Edição: Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e Edições Colibri. Lisboa, 2000.
- FIGUEIREDO, C.V. *Entre Mestizas e Nepantleras: a auto-história, de Gloria Evangelina Anzaldúa, em Borderlands / La Fronteira*. Tese (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- FIGUEIREDO, C.V; HANNA, V.L. *Glória Anzaldúa em Borderlands/La Frontera: língua, identidade, cotidiano*. *Interfaces da Educ.*, Paranaíba, v.9, n.25, p. 8-23, 2018. ISSN 2177-7691.

GUIITERREZ, R. *Qué es "Nepantla" y cómo puede ayudar a los investigadores de educación física a conceptualizar el conocimiento para la enseñanza?* Atas da conferência AIP, 2008.

GOULART, C. *Cultura escrita e escola: letrar alfabetizando*. In: MARINHO, M. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 438-456.

GUTIÉRREZ, R. *Formas híbridas na literatura latino-americana contemporânea*. Revista Landa. Vol. 3, nº 2, 2015.

JUNIOR, A. G. *Compra Gadsden*. Infoescola. 2013.

LIPSKI, J. 2003. *La lengua española en los Estados Unidos: avanza a la vez que retrocede*. Revista Española de Lingüística 33: 231-260.

<https://www.dicio.com.br/literario/>

LEÓN JIMÉNEZ, R. *Identidad multilingüe: el cambio de código como símbolo de la identidad en la literatura chicana*. Logroño, Servicio de Publicaciones, Universidad de La Rioja, 2003.

LOBO, P. A. C. *Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa*. Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura (Estudos Americanos). Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Anglísticos, 2015.

MAHER, T. M. *Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural*. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p.67-94.

MEGALE SIANO, A. H. *Memórias e Histórias de Professores Brasileiros em Escolas Bi/Multilíngues de Elite*, 2017. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Caminas, 2017.

NIEMAND, Y. (Ed); HART, P. (Ed); ARMITAGE, S. (Ed); WEATHERMON, K. (Ed). *Chicana Leadership: The "Frontiers" Reader*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2002.

NGINIOS, R. *Sobre el spanglish en los Estados Unidos*. Section d'études hispaniques. Université de Montréal, Canadá, 2011.

ONGHENA, Y. *Transculturalismo e identidad de relación*. Quaderns de la Mediterrània = Cuadernos del Mediterráneo. Ejemplar dedicado a: Intercultural Dialogue between Europe and the Mediterranean. ISSN 1577-9297, Nº. 10, 2008.

PRATT, M. L. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*. Cuadernos de literatura Vol. XVIII n.º 36. Julio-Diciembre. 2014, págs. 238-253.

PIÑA-ROSALES, G. Mesa redonda: *Presente y Futuro de la Academia Norteamericana de la Lengua Española. Homenaje a Odón Betanzos Palacios*, Instituto Cervantes de Nueva York, 2008. En: <http://pruebas.nuevayork.cervantes.es>.

RACINE, M. *Yours, mine y nuestros; when English and Spanish blend, it becomes a lengua all its own*. The Houston Chronicle, 4, 1, 2003.

RODRIGUES, R. *Saussure e a definição da língua como objeto de estudos*. Revel. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SALABERRY, R. *¿Qué es el Espanglish?*. *Hispánica*, 12, 2002, pp. 3-4. Consultado el 15 de septiembre de 2016.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo : Record, 2000.

SANTOS, P. S.; KUDO, H. I. *Riscos de um bordado: a narrativa chicana em Borderlands de Gloria Anzaldúa*. In: GUERRA, V.; ENEDINO, W.; NOLASCO, E. (Org.). *Estudos de Linguagens: diversidade e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 131-146.

STAVANS, I. *The essential Ilan Stavans*. New York, Routledge, 2000.

SILVA, F. S. *A língua, o território e a fronteira: Ressignificações culturais de Gloria Anzaldúa*. Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso. Revista Eletrônica de Letras. Unincor. ISSN: 1807-8591. 2018.

_____. *A Multiplicidade do sujeito de fronteira: as feridas abertas nas narrativas borderlands La frontera, de Gloria Anzaldúa, e Dois irmãos, de Milton Hatoum*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Programa de pós-graduação em letras). Porto Alegre, 2017.

SOUZA, N. M. *Discurso monolíngue e práticas de translanguismo: um estudo sobre os enunciados dos alunos do ensino médio*. Anais do Seminário do ICHS – Humanidades em Contexto: desafios contemporâneos, ISSN 2527 – 2659, 2017.

ZENTELLA, A. C. *Debate sobre el término ‘Spanglish’ entre los profesores Ricardo Otheguy y Ana Celia Zentella*, Conference on Spanish in the U.S., Miami, Febrer 2009. En <http://potowski.org/debate-spanglish>. Transcripción hecha por Ericka Acevedo Torres.

ZOLIN VESZ, F. *Como ser feliz em meio aoportunhol que se produz na sala de aula de espanhol: por uma pedagogia translíngua*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(53.2): 321-332, jul./dez. 2014

_____. *Esse é o final de uma era triste e o começo de uma fase muy feliz: translinguismo em telenovelas brasileiras*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.